REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADIANTADO

ANO ..... 1$40 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE . $70 | ANO ..... 3$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III — LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1919 — N.º 71

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA*

OS AMERICANOS EM PORTUGAL

UM FACTO HISTORICO

Lisboa, a bela e senhoril cidade d'este incomparavel jardim da Europa, acaba de passar por uma das maiores emoções dos ultimos tempos, que teve feliz repercussão em todo o Mundo. A primeira travessia do Atlantico, facto historico que refulgirá pelos seculos adeante nos anaes da vida americana, teve como terminus principal esta cidade, que é o enlevo e a cubiça dos estrangeiros.

Ninguem presumia que essa temerosa aventura, tão sonhada, tão idealisada por americanos, francezes e inglezes, fosse tão cedo uma realidade. Todos sabiam que se ensaiavam os primeiros passos para um largo aproveitamento da navegação aerea; mas ninguem pensava que tão depressa houvesse quem se abalançasse a fazer a travessia do Atlantico com o feliz sucesso com que a fez o já celebre americano Read e, muito principalmente, que a nossa Capital viesse a ser o ponto extremo d'essa ousada viagem!

Assim realmente sucedeu, o que é motivo para um justo orgulho e uma sentida satisfação da nossa parte.

Constatando, pois, esse facto e compartilhando da alegria que legitimamente gozamos, d'aqui endereçamos ao heroico aviador, e aos seus não menos bravos companheiros de viagem, as nossas mais calorosas felicitações e os mais vivos votos que fazemos para que essa arrojada empreza se realise até o fim com o mais feliz sucesso.

A Nação Americana, nossa aliada nas agruras da grande guerra mundial e nossa simpathica amiga de sempre, deve sentir-se feliz por poder receber o abraço que cordealmente lhe enviou o Portugal, como expansão da alegria comum pelo feliz exito da arrojada empreza d'um seu dilecto filho.

Este facto veiu, mais uma vez, provar que Portugal é um paiz privilegiado, até na sorte. Quando menos espera, entra-lhe de repente a Felicidade pela porta dentro, sem, todavia, para isso nada ter feito.

O pior é que, como vive sempre na lua, fica atonito com as visitas inesperadas, semi-parvo com a sua realidade, que o entorpece, que lhe manieta os movimentos e o cerebro, só então pensando se efectivamente é verdade o que está vendo. E quando, passado esse momento de atordoamento saloio, cai no positivismo do facto, já a felicidade desapareceu, porque aqui não encontrou campo propicio á sua instalação e tambem porque os *visinhos*, mais espertos, diligentes e menos *parvonios*, a vieram buscar, com pés de lã e manto de seda, e a levaram envolta n'um outro manto o *diaphano da fantasia*, que a atrahiu e seduziu.

Depois...

Depois *vemo-la por um oculo*, que é sempre o que acontece a tudo n'esta infeliz Patria.

E' o caso dos americanos em Portugal.

Poder-se ia supor que eles viessem aqui um dia a custo, talvez mesmo como resultado de incalculaveis esforços e de pezados sacrificios; mas tel'os entre nós, inesperadamente, sem trabalho algum, isso não podia passar pela cabeça de nenhum dos habitantes d'esta grande aldeia, onde brota a fanfarronada e morre a iniciativa.

Não temos o espirito de simples critica e de sistematico amesquinhamento. Era-nos bem mais agradavel louvar sempre as ações que se pronunciassem para o engrandecimento da nossa terra, do que estar n'esta tarefa, de resto ingloria, de pôr a nú os nossos proprios defeitos.

Mas, realmente, tudo nos conduz a isso, tudo se proporciona para a mais acerba critica e para a mais dura apreciação dos factos.

Se não vejamos. Estiveram no Tejo, perto de quinze dias, dois grandes navios de guerra americanos, aqui vindos especialmente para aguardar a chegada dos aviadores que fizeram a travessia do Atlantico. A esses barcos juntaram-se mais cinco grandes «destroyers» da mesma nação, o que no total prefez uma esquadra de sete navios, guarnecidos de bastante oficialidade e de um numero avultado de marinheiros.

Alem d'isso, vieram a Lisboa, por motivo d'esse facto historico, representantes dos grandes jornaes yankees, incumbidos de fazer uma minuciosa reportagem da chegada dos aviadores, da sua recepção e de tudo quanto se relacionasse com esse facto.

Estiveram e... foram-se já embora, tendo apenas sido recebidos na sala grande... E deixamo-los ir, com a maior das naturalidades!!!

Porem, nenhuma ocasião se teria proporcionado tão facilmente para pôrmos em pratica um dos nossos mais ardentes desejos, que é a atração dos americanos, como a que passou. O que se fez porem para isso? Com que festas celebrámos esse feliz acaso? O

que mostrámos do nosso paiz a esses amaveis visitantes que, como nenhuns outros, seriam os nossos melhores propagandistas e os nossos melhores clientes?

Então, uma visita ás nossas thermas, ás estações de cura e de repouso, ás nossas praias, ao incomparavel pitoresco do nosso Paiz, ao inedito das nossas paizagens, simplesmente belas, não seria oportuna e proveitosa?

—Porque não se fez?

Porque se perdeu esse especial momento em que a atenção americana convergiu una sobre o nosso Paiz, e interessadamente sorvia nos seus jornaes a reportagem dos representantes que aqui estiveram?

Porque se não aproveitou este feliz acaso da sorte, que nenhum outro poderá substituir em resultados proveitosos?

Não sabemos responder; mas o que não podemos deixar de constatar é que as entidades ás quaes competia trabalhar enthusiasticamente pelo fim que serviu de base á sua instituição, perderam o melhor ensejo—talvez unico—de bem justificar a razão da sua existencia.

EM PORTUGAL

Aguas que correm, oiro que se perde

Não, não tenham dúvida. Portugal é um paiz rico riquissimo, exúberante de tesouros e de inexgotaveis recursos. Nós não os vemos, não os sentimos em torno, não nos impressionam já, tão habituados estamos ao seu contacto que passaram a ser, no nosso espirito, banais assuntos de palestra.

Pondera-se:

—Sim, o turismo, uma admirável fonte de receitas. Se houvesse hoteis, estradas e conforto...

Ou então:

—As quedas de água, bem sei. Quinhentos mil cavalos desperdiçados por esses vales e montes, e que bastavam para animar entre nós a indústria mais próspera da peninsula... Se houvesse iniciativas!

E ainda:

—As águas minerais! Somos, sob o ponto de vista hidrológico, um dos mais ricos paises do mundo. Mas os felizes do planêta acham que é mais *chic* ir para as águas lá de fóra, e a gente lá de fóra nunca ouviu falar das nossas águas. .

Sómos um paíz riquissimo, todos concordam n'isso, e no entanto morre-se para ahi de miséria. Não seria tempo, comtudo, de lançarmos finalmente os olhos—olhos de homens praticos e não de poetas—para as nossas grandes fontes naturais de receita? Se a época que se inicia é na realidade uma era de largas realisações, porque não marcamos auspiciosamente o seu principio promovendo a rápida valorisação de naturais riquezas que por ahi se perdem, dia e noite, em meio da resignada inércia da nossa gente?

Iniciativas privadas, que as ha e brilhantes, constituem ainda uma excepção no nosso meio. Na verdade, a intervenção do Estado n'estas coisas é indispensável, como a única maneira de muitas vezes se despertarem as iniciativas particulares. Tomemos como exemplo as nossas aguas mineromedicinais. Em Portugal encontram-se representadas, e com vantagem, as mais famosas águas do estrangeiro; temos fontes que correspondem ás de Evian, de Vichy, de Contrexeville, de Dax, de Royat, de Cauterets e *tutti quanti*...

Pois bem: não só é insignificante a exportação das nossas aguas, como a frequencia das respectivas estações balneares se limita quasi exclusivamente aos aquistas nacionais. Tambem é verdade que, viajando por essa Europa, em certas estações de caminho de ferro, as paredes nos aparecem cobertas dos mais lindos cartazes, reclamando aguas de todo o mundo, menos as nossas, e que nos grandes hoteis, sôbre as mesas dos *foyers*, se amontoam artísticas brochuras descritivas de adoraveis paisagens e horisontes que não são paisagens nem horisontes de Portugal.

Ora a primeira condição para que a nossa imensa riqueza hidrológica se valorise consiste em torná-la conhecida. Mas não ha hoteis, não ha confôrto, não ha vias de comunicação, dir-se-ha. O que importa é sair do circulo vicioso. Estude o govêrno a maneira de difundir lá fóra eficazmente o conhecimento das nossas águas mineromedicinais, que depois, automáticamente, por assim dizer, os sindicatos regionais de propaganda começarão a exercer as suas funções, e a questão de conforto e hospedagem resolve-se por simples milagre de concorrencia.

O êrro, afinal, consiste em nunca se ter pegado no assunto pela ponta que mais convém. Intensifique-se uma propaganda inteligente na Europa e na América, especialmente na América do Sul, ácerca das nossas águas, que o resto marchará por si. E, já agora, por vir a propósito, lembremos que deve ser satisfeita a reclamação de longa data formulada pelo sr. dr. Oliveira Luzes, que achava indispensavel, e muito bem, a criação de uma cadeira de hidrologia nós nossos programas de ensino médico, visto ser rialmente tão importante a riqueza de águas minerais n'esta terra priveligiada.

Mas isto é um exemplo apenas. Quantos não poderiamos apresentar no mesmo género! Em Portugal, as mais das vezes, águas que correm são oiro que se perde, e que se perde, o que é mais triste, por simples inércia nossa. Terá chegado finalmente o momento de se romper com tão perniciosos hábitos? Queremos esperar que sim, e não delxaremos pelo menos de o reclamar instantemente d'aqueles a quem compete o dever de bem administrar e dirigir êste paiz.

O artigo que acima inserimos é transcripto d'um dos numeros do nosso prezado colega «A Victoria», que se tem notabilisado pela forma como aprecia os mais importantes assumptos da vida portugueza.

Esse artigo refere-se particularmente a um dos ramos da industria do turismo em Portugal, talvez o mais interessante pelo conjuncto de circunstancias que o cercam. Ele é o *hydrologico*.

Apreciando em synthese a situação das nossas thermas, o autor d'esse artigo considera-as atrofiadas por falta de elementos que as réclamem.

Não ha duvida de que assim é, realmente; mas é forçoso reconhecer que nós, em materia de vilegiatura estamos agindo ao contrario do que o mais comesinho bom senso podia indicar e precisamente ao invez do que sucede lá fóra.

Não queremos dizer, porem, que nos devemos sempre regular pelos exemplos extranhos; mas desde que nos falta a ação, que é o primeiro elemento de vitalidade, justo é que se procurem os modelos extrangeiros para que possamos desenvolver e aperfeiçoar os nossos emprehendimentos.

Ora, se bem que aplaudamos a idéa de difundir o réclame ás nossas belezas e ás nossas riquezas (e este tem sido o fim especial d'esta Revista, que n'ele se vem empenhando ha perto de quatro anos) não devemos comtudo deixar de reconhecer que ele pode ser

contraproducente emquanto não tivermos tudo preparado — *a casa em ordem* — para recebermos os visitantes.

Foi o que se fez lá fora.

Na França, na Austria e na Alemanha instalaram-se primeiramente bons e variados hoteis, prepararam-se as estradas, arranjaram-se facilidades de toda a ordem para a livre entrada dos estrangeiros, quer favorecendo-os com comunicações rapidas e comodas, quer não lhe causando o minimo estorvo na sua mais ampla ação; amenisando-se, ainda, os inconvenientes do que não podia ser susceptivel de rapida transformação. Depois estudaram-se os atractivos a proporcionar, simultaneamente com a propaganda a fazer nos paizes naturalmente indicados para a exportação do forasteiro. E só então, quando se poude contar com a certeza do bom exito, empregaram-se todos os recursos, serviram todos os meios para uma inteligente e activa propaganda.

Os resultados foram surprehendentes, quasi que maravilhosos.

A confirmar o que dizemos estão as estatisticas de antes da guerra, acusando o extraordinario movimento das thermas francezas, austriacas e alemãs.

Ora, as thermas portuguezas, com excepção de trez ou quatro, não estão, infelizmente, ainda, em condições de alojar toda a classe de estrangeiros. Na generalidade faltam-lhes hoteis confortaveis e comodos; não teem casinos amplos, de aspecto sumptuoso, onde se destraia diversamente o aquista.

O acesso a algumas d'elas é demorada e por vezes incomodo. E se outras oferecem uma maior rapidez de transportes, esse recurso faz-se valer a ponto de não ser acessivel a todas as bolsas, tornando-se assim uma desvantagem em vez d'um beneficio. E, embora quasi todas essas estancias ofereçam aspectos puramente inéditos nas suas visinhanças, o seu goso não é facil pelo mau estado das estradas. De forma que, sem as mais naturaes comodidades, indispensaveis ao estabelecimento da concorrencia, como pode fazer-se vingar qualquer industria local?

Acresce ainda que pelo retrahimento de capitaes que em Portugal se faz sempre sentir para o desenvolvimento d'uma idéa, as emprezas constituem-se sómente para explorar uma industria no mais estricto e diminuto circulo, extrahindo d'essa exploração o maximo possivel, não para depois alargarem a esphera da sua ação, como seria natural, mas para se manterem e usofruirem os melhores proventos. Assim não imitam o que fazem os francezes, nem o que o faziam alemães e austriacos, que só tinham em mira proporcionar os maiores beneficios aos seus visitantes, contentando-se, para seu lucro, com uma pequena percentagem do dinheiro que eles lhes deixavam.

A parte capital era empregada em melhoramentos, em atractivos, em favorecer o desenvolvimento da industria thermal de que muitas outras pequenas industrias tambem beneficiavam; proporcionando ao mesmo tempo uma apreciavel quota para o equilibrio economico da nação.

Por isso, as suas thermas foram sempre procuradas, antes da guerra, com um louco enthusiasmo.

Ora não basta possuir-se aguas semelhantes ou superiores a Vichy, a Contrexeville, a Royat, a Karlsbat, a Chatel-Guion, a Cauterets, etc. Para que as nossas thermas atraiam aquistas e criem nomeada, é preciso que n'elas haja o que os turistas ou doentes encontram nas extrangeiras e que não ha nas nossas.

Portanto, fazer um desmedido réclame a uma coisa que não oferece as condições de agradar, não pelas belezas naturaes — que são muitas, mas por falta da ação do homem, que é pouca, parece-nos inconveniente e talvez de resultados negativos.

Procuremos, primeiro, com uma campanha violenta, que *tudo* no nosso paiz atraia o nacional de forma a que não tenha que ir lá fora para gozar o que aqui tem, mas em condições de não lhe agradar; depois, que gradual e progressivamente se vá pondo a *casa em ordem*, para a recepção dos extrangeiros, de maneira que eles aqui venham e que de cá lhes custe a sahir. A seguir, então, espalhe-se um bom reclame.

Este criterio, parecendo-nos o melhor, é o que, de resto, tem presidido á nossa conducta.

NOTICIAS DIVERSAS

Violação da historia?!

Relatou, ha dias, um jornal que no semicirculo fronteiro ao historico palacio dos Condes d'Almada, se está procedendo á instalação d'uma sentina publica.

Não sabemos se é essa realmente a novidade que resultará das obras que ali se estão executando. Parece-nos, porém, assaz monstruosa a idéa para que a acreditemos sem vêr a sua realidade.

Seja, porém, o que fôr, chamamos para o caso a atenção da Repartição de Turismo, da Sociedade de Propaganda e da Associação dos Arquitetos e Archeologos, para, a tempo, se evitar outro crime de lesa-patria.

O palacio dos Condes d'Almada, se bem que pela simplicidade da sua arquitetura não constitua um monumento d'arte, representa uma pagina fulgurante da historia de Portugal que deve ser respeitada por portuguezes; e estes teem obrigação indeclinavel de obstar a qualquer atentado que os desnacionalisados (pois que outra não podia ser a classificação dos pseudo-portuguezes que tentassem semelhante crime) pensem em perpetrar.

Visita de extrangeiros

Segundo a deliberação tomada na ultima reunião do *Comité* permanente interaliado, a sua proxima reunião deve efetuar-se na nossa Capital, o que, constituindo um facto de especial relevo, representa ao mesmo tempo uma significação que, por certo, se ha de traduzir valorosamente para o nosso paiz.

Para a recepção dos delegados extrangeiros que veem a Lisboa por esse motivo, foi organisado pela delegação portugueza um programa de festas que já mereceu a sanção do Governo.

Lembramos ás entidades que, embora restritamente, superintendem em questões de turismo no nosso paiz, a vantagem que haveria em aproveitar-se essa oportunidade para a propaganda de alguma coisa portugueza alem do clima que esses estrangeiros veem saborear; tanto mais que estando empenhados na organisação das festas oficiaes e particulares, em que se divide o programa, varios *sportsmen*, medicos, artistas e militares, não nos consta que das comissões faça parte qualquer representante do Conselho ou da Repartição de Turismo, nem da Propaganda de Portugal.

Cremos ser tambem este um assumpto que merece um pouco de atenção.

Melhoramentos de Cintra

Na encantadora estancia de Cintra trabalha-se com o maior enthusiasmo na organisação da Delegação da Sociedade Propaganda de Portugal n'aquela localidade, a que nos relerimos em o nosso ultimo numero; tendo sido amavelmente aceite pelo Sr. Silva David o encargo de receber as propostas para a inscrição de socios, e o de reunir todos os bons elementos d'aquela vila que possam contribuir para o feliz exito d'este simpatico emprehendimento.

Reconhecendo-se quanto era deficiente o serviço de comboios n'aquela linha, interessou-se a Sociedade junto da respectiva Companhia, para ser modificado o atual horario, tendo já conseguido algumas melhorias que em breve serão postas em pratica, e obtendo a promessa de se beneficiar ainda mais esse serviço, de forma a proporcionar as maiores facilidades possiveis ao acesso d'aquela bela estancia.

A mesma Sociedade está tambem interessada nas reparações da estrada Lisboa-Cintra, assim como das que atravessam a localidade, principalmente a do Duche.

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPANHA nas bibliothecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

TURISMO E DESPORTOS

O CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

O desporto é um dos melhores auxiliares do turismo, podendo considerar-se, mesmo, um seu complemento directo, tal é a ação que desempenha na vilegiatura. As grandes corridas de cavalos de Long-Champs, os concursos internacionaes de tiro, as consagradas regatas de remos de Oxford-Cambridge, assim como as regatas de S. Sebastian e a disputa da Taça da America, nas corridas maritimas de vela, em que a competencia entre americanos e inglezes chegou por vezes a emocionar o Mundo, atrahiram á França, á Hespanha, á Inglaterra e á America centenares, talvez mesmo milhões de forasteiros que, aproveitando esse ensejo, se demoraram depois n'esses paizes em excursões de estudo, de cura e de prazer.

Não é exagero nosso, e muita gente se recorda da concorrencia enorme que tiveram as grandes regatas de Cascaes, do enthusiasmo que havia pelas antigas corridas velocipedicas, da animação dos concursos de tiro nas Caldas, das toiradas de amadores e, recentemente, dos concursos hipicos nacionaes em muitas das nossas principaes estancias, que atrahiam interessadamente os forasteiros, embora apenas se tratasse de certamens sem a concorrencia de estrangeiros.

Todavia, como frisante afirmação de que os desportos constituem um poderoso auxiliar da industria de turismo, esses factos servem de exemplo pelas suas consequencias.

Outros mais poderosos vamos ainda citar,

e esses são os campeonatos internacionaes de Tennis, que todos os annos vão levando a Cascaes uma especial animação e, tambem, os concursos hipicos internacionaes que, sabia e proficientemente organisados pela Sociedade Hipica, estão constituindo um muito apreciavel motivo de atração á nossa capital.

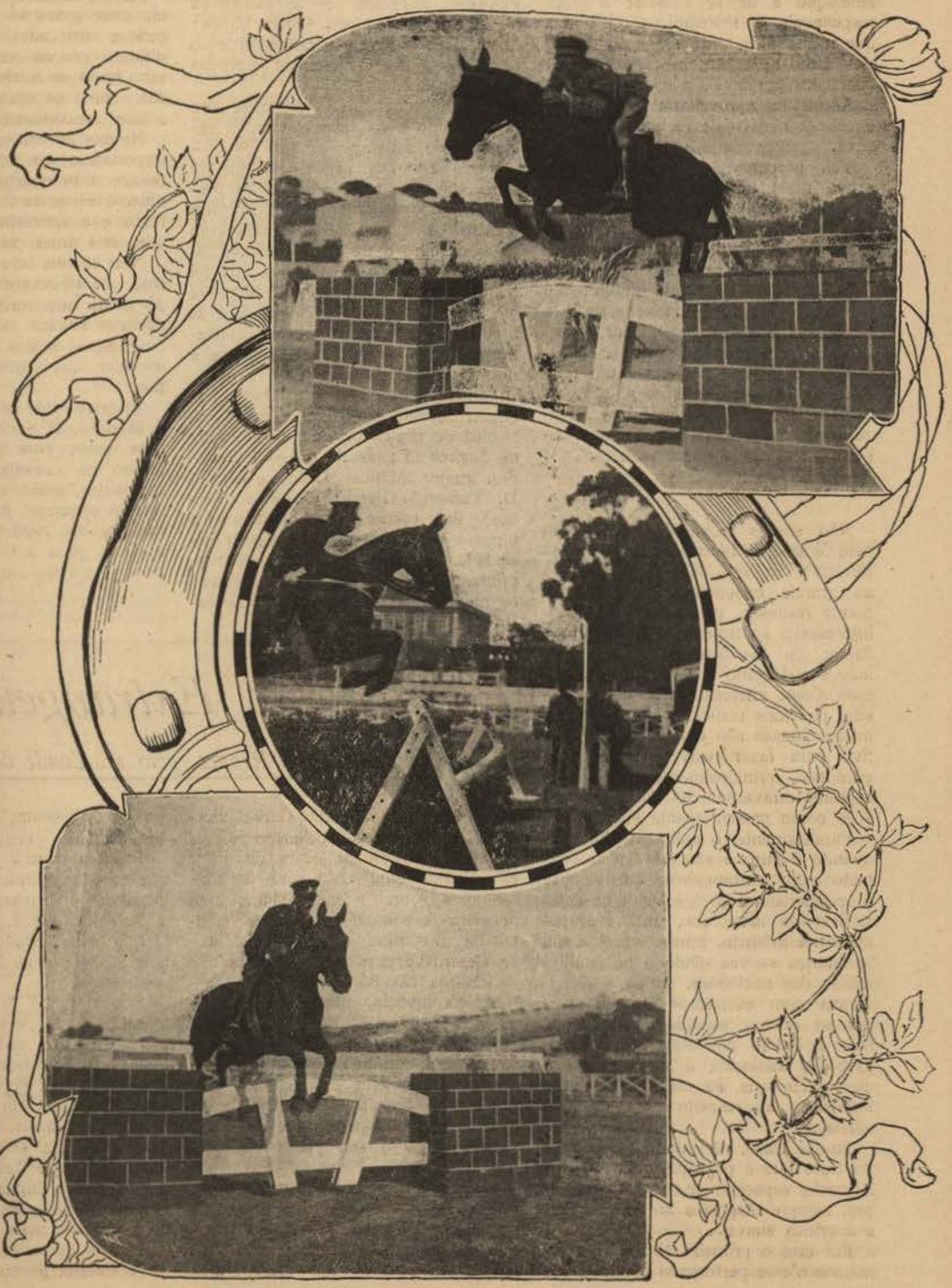
E', pois, sob o aspecto dos beneficios que os desportos trazem para a industria de viagens que vamos descrever a impressão que nos deixou o grande facto desportivo da semana finda, que foi o concurso hipico internacional realisado no hipodromo de Sete-Rios.

Dada o acanhado meio social em que ainda vivemos, esse certamen podia considerar-se como elemento suficiente para ter trazido á Capital farta concorrencia de forasteiros, visto tratar-se d'uma prova internacional, se tivesse havido a presidir ao seu réclamo, a arte especial de atrahir que é absolutamente necessaria para isso. Mas o defeito, não é só d'agora —vem de longe —de se pensar sempre que o Paiz se resume á Capital.

Como não ha descentralisação administrativa, não ha consequentemente descentralisação pensante; o que tem sido um erro que nos tem custado bastos prejuizos, de que o ultimo se evidenciou no recente concurso hipico internacional.

Porque não se teria espalhado por esse Paiz em fóra um bem feito reclame, dando vulto a essa bela festa?

No seu programa figuravam motivos de sobejo para lhe atrahir um especial interesse. A inscripção dos tres oficiaes do Exercito Espanhol, a importancia dos premios pecuniarios, a significação e valor dos artisticos, a distinção da sua presidencia e a alta respeitabilidade da Sociedade Hipica, promotora d'essa prova, eram factos mais do que bastantes para trazerem ao pequeno, mas elegante parque de



Sete-Rios bastantes habitantes das nossas provincias e até alguns estrangeiros.

Dever-se-hia até ter-se antecipado essa festa para se aproveitar a feliz oportunidade da estada dos americanos em Lisboa, o que teria tido a dupla vantagem de lhe dar uma especial animação e de se mostrar a esses respeitaveis e simpathicos visitantes que n'este paiz, cujo clima e situação eles tanto apreciam, se proporcionam distrações apraziveis e civilisadas.

Assim se aproveitaria tambem um excelente motivo de reclame á nossa terra.

Tal, porem, não sucedeu, o que prova mais uma vez e exuberantemente a sensivel falta d'uma organisação turistica, sob uma proficiente, sabia e previdente direção.

E tanto mais se manifesta essa falta, quanto é certo que ultimamente temos perdido excepcionaes ensejos para uma proveitosa propaganda do nosso Paiz... sem sairmos de casa.

Mas a nossa desgraça é um fado e... os fados cumprem-se.

Não devemos, porem, deixar de fazer estes reparos, para que as responsabilidades vão a quem toquem.

Não somos technicos no hipismo nem é essa a especialidade da nossa Revista; por isso, depois de aludirmos ao grande concurso hipico, ultimamente realisado, pelo prisma que mais interessava ao turismo, não podiamos deixar de lhe fazer referencia, pelo lado social como espectadores que fomos d'esse interessante certamen. Assim, pudemos constatar que as provas internacionaes são um valoroso incentivo para fazer reviver o sentimento patriotico, principalmente quando os espiritos atravessam as duras convulsões como presentemente sucede.

Paralelamente, o polimento humano quando é puro e são rebrilha ao contacto com extrangeiros, que sempre proporcionam a obrigação de se exteriorisar os actos que, embora aprendidos na infancia, muitas vezes a sua lembrança se vae diluindo na familiaridade dos nacionaes. Ainda a convivencia com extranhos a quem sempre se devem especiaes deferencias, traz o habito dos bons costumes, o garbo e distinção, a delicadeza e a diplomacia que se deve usar como imposição ao respeito e consideração alheias.

Isto, é claro, não abstrae a lhaneza do trato que é principal apanagio dos latinos e especialmente dos portuguezes, sempre dispostos ao bom espirito e á critica suave...

Foi este o primeiro hausto que tomámos n'esse perfumado ambiente em que durante uma semana se estadeou á nossa sociedade, vivendo feliz os momentos do concurso hipico, interessando-se pelas provas, prevendo os seus resultados, apreciando-os diversa e animadamente.

Pena foi que, razões poderosas tivessem impedido de apresentar-se n'esse campo a nossa «élite» hipica; facto que diminuiu grandemente o enthusiasmo que caracterisou as provas do ano passado.

Todavia o concurso realisou-se com brilhantismo e os seus resultados encheram de satisfação não só os promotores como a assistencia que foi numerosa em todos os dias de provas, e ainda os proprios concorrentes; d'entre os quaes destacaremos com justo orgulho o nome do distincto cavalleiro sr. Filipe de Vilhena, que foi o garboso vencedor da grande prova em que se disputou a valiosa taça de honra. Os 2.º e 3.º premios couberam tambem a portuguezes, o que é motivo de satisfação.

O feliz exito d'este interessante certamen deve-se á inteligente direção da Sociedade Hipica da qual fazem parte os ilustres oficiaes do nosso Exercito Srs. major Manuel Latino e capitão D. Fernando Pereira Coutinho (Soydos), dois verdadeiramente devotados hipistas e que na manutenção da Sociedade, das suas tradições e ao cumprimento da sua missão teem dedicado os melhores esforços; agora mais extenuantes ainda pela perda d'um outro enthusiasta, o distincto cavalleiro Francisco Xavier d'Almeida, cuja morte ha tempo levou para o Paiz da Felicidade.

Acompanhamos estas linhas com algumas gravuras representando difíceis e arriscados saltos dados nas ultimas provas, em que se distinguiram tanto os nossos briosos cavalleiros, como os oficiaes espanhoes que a elas concorreram.

Nessas gravuras se pode verificar a importancia das provas e quanto elas teriam sido concorridas e justamente apreciadas se se tivesse feito um bom reclame e aproveitado a oportunidade que, dias antes, se deparou.

Não se nos leve a mal estes reparos, que só devem ser tomados á conta do muito que queremos que todos os motivos sirvam para o fim que temos em vista e sejam caracterisados com o valor que legitimamente representam.

Endereçando as nossas felicitações á Direção da Sociedade Hipica, fazemos votos para que não lhe falte o animo na organisação de festas semelhantes, assim como ambicionamos que o concurso internacional da primavera de 1920 marque uma epoca gloriosa para a Sociedade cujos destinos lhe estão confiados.

José Lisboa.

Portugal no Extrangeiro

Conferencia em Rennes, pelo sr. Conde de Penha Garcia

O sr. Conde de Penha Garcia, vice-presidente da Sociedade de Propaganda de Portugal, acaba de iniciar em França uma nova série de conferencias sobre o nosso Paiz, cuja primeira teve lugar em Rennes, capital da Bretanha, e a que presidiu o sr. Gerard-Varet reitor da Universidade da mesma cidade.

A conferencia, que se realisou no grande anfiteatro da Universidade, versou sobre a lingua portugueza e o seu futuro, muito interessante thema que foi largamente desenvolvido com um estudo das origens ethnicas da lingua, a sua transparencia e desenvolvimento, até o seu pleno vigor literario.

O orador referiu-se largamente ao prolongamento da lingua portugueza no Brazil e ao enorme vulto literario que assumiu no grande paiz irmão; tendo demonstrado por meio d'uma atrahente dissertação, o valor dos dialetos coloniaes portuguezes.

Relativamente á extensão e ao progresso demografico da lingua portugueza, o conferente historiou, com algarismos, a sua grande importancia; dando esse estudo largo motivo de atenção por parte da enorme e selecta assistencia.

Sob o ponto de vista linguistico—disse o orador:—«a lingua portugueza é uma das mais ricas e originaes do grupo néo-latino. Sob o aspecto literario, a sua pujança é tal que uma nova literatura surgiu no Brazil, perfeitamente caracteristica e particularmente valiosa sob o aspecto linguistico. Pelo que respeita ao seu valor de difusão, a lingua portugueza, como lingua de um grande povo civilisado, tem nucleos, mais ou menos intensos em todas as colonias portuguezas.

A «lingua portugueza—proseguiu o

orador n'uma grande facilidade de frase — é falada n'uma extensão de mais de 10 milhões de kilometros quadrados e por mais de 30.000.000 de almas, cifra esta que dentro de um seculo será elevada a 80.000.000, se a progressão do crescimento das populações se mantiver nos limites das ultimas décadas. E por estas razões, o estudo da lingua portugueza no extrangeiro se impõe grandemente ás pessoas que vêem no comercio e no intercambio o futuro das raças.»

O illustre orador, que durante a sua brilhante palestra foi interrompido com calorosos aplausos pela assistencia, ao terminar recebeu uma grande ovação.

A' conferencia assistiu todo o corpo docente da Universidade de Rennes, o *Maire* da cidade, representantes de varias colectividades scientificas e comerciaes, não só da capital da Bretanha, como tambem de outras cidades da região.

Os jornaes de Rennes, a proposito d'esta conferencia, teceram ao sr. Conde de Penha Garcia os mais rasgados e justos elogios, enaltecendo-lhe as suas elevadas qualidades intelectuaes e o seu grande amor patrio.

D'entre eles destacamos «Le Democrate» de 17/18 de maio, que se expressou nos seguintes e lisongeiros termos:

Quarta-feira ultima, no anfiteatro do anexo á Faculdade de Sciencias, teve logar uma notavel conferencia sobre a lingua e literatura portuguesa.

O orador, Senhor Conde de Penha Garcia, delegado de Portugal na Conferencia da Paz, n'um correcto e puro francez. Dissertou sobre esses assuntos com uma tão grande elevação e com uma tão extraordinaria erudição, que no auditorio produziram o maior encanto, que ele poude saborear durante o tempo d'esta interessantissima palestra.

Nós bretões, nós rennesianos, conhecemos pouco e mal o Portugal.

Resta-nos, porem, a consolação e a honra de que ele nos é apresentado por homens de grande envergadura intelectual como o illustre senhor Conde de Penha Garcia e o intelligente sr. Padua Franco, membros da Sociedade Propaganda que é o Touring-Club de Portugal. Temos o maior interesse em os ouvir sempre. Portugal póde, dentro d'algum tempo, ser um paiz apreciavel para o nosso comercio. Ha ali um logar vago que se torna necessario seja tomado por nós: — é o que ocupavam os imperios centraes. Se os nossos comerciantes e os nossos industriaes o querem conquistar, isso será facil, porque Portugal ama a França.

Apreciemos, pois, esses excelentes amigos que enviaram os seus soldados a combater ao lado dos nossos sobre o solo querido da nossa Patria, e façamos ardentes votos para que o bom grão que o Senhor Conde de Penha Garcia veio aqui semear, cresça e se desenvolva para o que muito contribuirá a creação d'uma cadeira da lingua e literatura portugueza em a nossa Faculdade, o que por todos nós deve ser ajudado.

Ao fecharmos este ligeiro relato devemos aqui dizer, que o sr. Conde de Penha Garcia, ao chegar a Rennes, teve uma carinhosa recepção na gare, sendo depois recebido solemnemente na *Mairie*, onde M. Babon-Rault, um grande amigo de Portugal, proferiu um brilhante discurso, pondo em relevo a importancia das relações franco-portuguezas, ou por melhor: bretano-portuguezas, e quanto o povo da capital da Bretanha se sentia honrado com a presença do distincto homem de sciencia e propagandista, terminando o seu improviso por uma grata referencia a Portugal, como paiz de turismo por excelencia, cujo maior reclamo era o seu lindo ceu sempre azul, as suas praias encantadoras sempre doiradas e, sobretudo, essa provincia de sonho que é o Algarve.

O sr. Conde de Penha Garcia agradeceu, n'um brilhante improviso, as palavras elogiosas proferidas sobre a sua Patria, tendo a esse respeito os jornaes de Rennes afirmado que sua Ex.ª se expressára no mais impecavel francez.

A comissão organisadora da brilhante festa consagrada ás relações luso-francezas, convidou depois o illustre conferente e o sr. Jayme de Padua Franco, a visitar os pontos mais interessantes da região bretã.

Em toda a parte os distinctos portuguezes foram recebidos com as mais captivantes amabilidades.

No dia 23 o sr. Conde de Penha Garcia realisou uma nova conferencia em Paris, na sala da Associação dos Agricultores, sobre o thema «Uma grande via internacional, Paris—Lisboa—America do Sul», que foi presidida pelo sr. Epitacio Pessoa, Presidente eleito da Republica do Brazil.

No dia 25 teve logar outra conferencia em Bordeus, sob o titulo «Uma hora em Portugal».

Nos proximos numeros referir-nos-hemos a estas duas patrioticas conferencias.

Paris, 27 de Maio.

G. M.

NAVEGAÇÃO AEREA

A TRAVESSIA DO ATLANTICO

Completamos hoje a interessante descripção feita por M. Pierre Wal da viagem aerea, entre a França e o Canadá, a que nos temos referido em os dois ultimos numeros d'esta Revista.

«Nem tudo são doçuras.

E' aqui que as coisas se complicam.

Quando tocámos em terra, o nosso relogio marcava 15 h. 25' — hora official — ou, pelo meridiano de Greenwich, 14 h. 25'; e em relação á longitude de Reykjavik, isto é — um pouco mais de 15°.7 — 13 h. 25', aproximadamente.

Estavamos, pois, no começo de «l'après-midi»; mas, a esta latitude, havia uma atmosfera cinzenta, semelhante ao amanhecer dos dias sombreados do inverno.

A situação em que nos encontravamos obrigou o meu espirito a divagações filosoficas. D'entre as mil e uma que ele abordou, pude chegar á logica e simples conclusão de que, aqui, dá-se o caso pitoresco de nunca ser meio-dia ao mesmo tempo para duas pessoas, por pouco distantes que se encontrem uma da outra.

Como acertar os relogios?

E' um problema difícil.

Como, porém — e a conselho das mesmas considerações filosoficas, devemo-nos importar mais comnosco do que propriamente com os outros, guardo para mim a hora do meu precioso regulador, deixando aos sabios da Grecia e do resto do Mundo, o estudo que tal questão possa suscitar — mesmo para eles terem alguma coisa em que se entreter...

«A' meza do governador, onde um substancioso repasto nos reuniu, contamos aos nossos amaveis hospedeiros as peripecias da viagem, que até ali fizemos. E como achei azado o momento de elaborar o meu programa, interroguei os meus companheiros de viagem sobre a nossa proxima partida.

Guillain, com a sua incontestavel auctoridade de *maître*, assegurou-nos que tudo estava em bem e preparado para ser n'esse mesmo dia; acrescentando: «podemos partir esta tarde, «porque, n'esta original terra, não ha «noite, nem dia. Ide dormir, que nós «regularemos o descanço. (*Nós* refe-«ria-se a Boulard e Guillain. Como nos «dizeis que Disko é um famoso porto «de mar, dedicaremos um dia para o «visitar d'alto a baixo... Primeiro havemos de lá chegar.»

Antes, porém, de nos deitarmos, não pudemos fugir á tentação de ir admirar as arvores que servem ali d'instalação aos passaros. Essas arvo-

res são originalissimas, pois teem 15 centimetros de diametro e 5 metros d'altura!

E' claro que, com semelhante estructura, se assemelham a palitos gigantes, ou — melhor ainda — a penas incomensuraveis, com penachos na extremidade, quasi para além do infinito...

Chamam-lhes aqui a *arvore da provincia*.

Eu chamar-lhe-hia... uma outra qualquer coisa.

Na manhã seguinte, depois d'uma conscienciosa reverificação dos motores, Guillain fez-nos partir ás 8 horas.

Estava uma manhã tropical.

Tinhamos 1645 kilometros a percorrer, mas a monção ajudava-nos. De resto nada mais tinhamos do que seguir derrota para a ilha de Disko, facil de divisar pela sua plana extensão de 160 kilometros, na parte mais larga.

A viagem foi assaz morosa. Queriamos chegar depressa, porque estavamos sentindo a depressão atmosferica contraria do calor. Voavamos, então, a pouca altura, sobre um deserto de gêlo. A nossa unica satisfação consistia em ouvir o ruido dos motores e das helices trabalhando como que arfando pelo pezo da carga, a romper o ar denso que atravessavamos.

Graças ao bom vento que nos facilitava a viagem, apenas gastámos 11 h. 50' a passar sobre a Islandsi, que era o nosso maior pesadelo — asseguro-vos.

Sob a intensa luz d'um sol encarniçado, aterrámos com alguma dificuldade em uma planicie *magramente* musgosa, que domina a alta penedia sobre o Godhavn, principal logar da ilha de Disko.

Devo fazer notar que esta descida, até pousarmos definitivamente em terra, pode-se marcar como uma verdadeira proesa de Boulard, que mais uma vez assignalou assim a sua inegualavel pericia.

N'essa tarde, limitámo-nos a comer e a dormir em seguida.

Nenhum de nós estava nas disposições de passear; e os nossos hospedeiros d'ahi respeitaram o estado em que a nossa alma então se encontrava.

—E não só a alma, mas tambem o corpo.

Assim, dedicámos essa noite a um completo repouso.

Na manhã seguinte levantei-me ás 7 horas e logo que tive a minha *toilette* composta, dirigi-me para o nosso aparelho. Ahi encontrei já Boulard e Guilain, vestidos d'uma *elegante combinação* azul-mar-carregado, procedendo com enthusiasmo a uma minuciosa revisão nos dois motores. As helices estavam desmontadas e colocadas deante do avião; os envolucros de proteção tinham tambem sido desarmados, estando Guillain n'esse momento a mudar uma haste de direção do carborador do motor do lado direito.

Antes já tinha sido cuidadosamente observado o motor da esquerda.

Fui, porém, dar com Boulard que queria, por todas as fórmas, mudar a *béquille*, que embora tivesse resistido a todas as aterragens, não lhe merecia uma inteira satisfação.

Depois de ter assistido com interesse, durante algum tempo, ao trabalho dos nossos pobres e incançaveis companheiros, secundados por uma *équipe* apressada mas pouco habil, fomos todos visitar a ilha, muito alta, recortada de «fjords» onde veem desaguar os brancos rios das geleiras. A meio do nosso passeio, encontrámos já uma temperatura regular, podendo assim gozar-se um pouco da amenidade produzida por uma derivação do Golfo Stream.

N'esse dia deitámo-nos cêdo e proporcionamos ao nosso *todo* um agradavel repouso.

No manhã seguinte, ás 3 horas elevâmo-nos por entre a claridade crepuscular, sem termos tido a felicidade de contemplar uma aurora boreal.

Levados por um vento favoravel sobre a costa de Cumberland, nada mais tinhamos do que descer um pouco, a certa altura, para apanharmos a corrente que nos levasse do estreito de Davis até o Nain, sobre a costa do Lavrador. Foi o que fizémos.

Devo observar, n'um pequeno parenthesis, que se tivessemos feito a nossa viagem no mez de Julho, teriamos encontrado em toda a parte, e particularmente n'esta ultima região, fortes ventos contrarios; d'onde se conclue que o programa a que obedecemos foi scientificamente estudado.

Tinhamos n'esse dia 1860 kilometros a andar, constantemente ajudados pelos ventos, que por vezes assoprava com energia.

Estivemos no ar doze horas seguidas, durante as quaes nada motivou sequer uma pequena historia... Apenas constatamos a excelencia dos motores, que se portaram como verdadeiros penfulos.

Chegados a Nain, aterrámos sobre o gêlo (o que se poderia dizer por *ageládmos*) com alguma dificuldade por causa de inumeras cabanas que constituem os refugios n'esse logar.

O gelo que ali encontrámos nada tem de comum com o dos nossos *skatings*. E' pouco firme e movediço, o que nos causou a impressão de estarmos sobre ondas em larga revolta.

Valeu-nos muito a satisfação do desejo de Boulard em substituir a *béquille*, podendo assim o aparelho suportar as sacudidelas que sofreu com os movimentos dos gêlos.

Falarei ainda da hora.

Parecia, á vista, que seria meio-dia pela situação d'um sol incerto que nos alumiava; mas na realidade eram 3 horas, oficialmente falando.

D'esta vez, ter-nos-hiamos visto em dificuldades para prover os depositos de essencia se não tivessem sido tomadas acertadas medidas de precaução.

Quanto ás minhas impressões, elas são tão frias como a região e os seus habitantes. Todavia passámos uma boa noite, pois que o avião, em alta e seguida dose, é poderosamente soporifico.

No dia seguinte, sexto da nossa viagem e quinto de vôo, partimos mais cêdo, pelas 5 horas (*ou 8 pelo relogio pneumatico da rua Royale*). Fizémos então, entre a montanha e o mar, uma bela viagem de 1350 kilometros, a respeitavel altura, para não sermos incomodados pelos ventos do oceano, tendo tomado o rumo do estuario de S. Lourenço até Quebec, onde tocámos em terra ás 18 horas.

Não espereis mais detalhes.

Estou cançado de escrever tanto e... tão pouco.

O nosso belo aparelho ficou instalado n'um esplendido *hangar*, a 10 kilometros do sitio onde estou acabando de vos traçar estas linhas. Os excelentes companheiros de viagem estão no hotel onde vou juntar-me depois de acabar este infinito cabograma.

Agora o que eu peço, *como as creanças pedem Emulsão de Scott*, é um banho americano e uma cama americana.

Uma palavra ainda. Sómente. Bradlece vae a New-York, vêr se consegue o seu maior desejo—adoptar novos motores ao seu aparelho para voltar n'ele á Europa.

—Mas eu estou sem saber o que hei de fazer; e acho que o melhor é aguardar as vossas ordens. Assim—*cablez please*.

PIERRE WAL.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial» Largo da Abegoaria, 27 — Lisboa